



VIII NORTEPET

VIII Encontro dos Grupos do Programa de Educação Tutorial da Região Norte
– 01 a 04 de setembro de 2021 –

Desafios, necessidades e perspectivas para a formação acadêmica: ciência, novas tecnologias e demandas atuais dos PETs da Região Norte.

AUSÊNCIA DO ESTADO E O PROTAGONISMO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS E INDIGENISTAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Elcio Severino da Silva Filho Manchineri¹; Aline Andréia Nicolli²

¹Universidade Federal do Acre; ²Universidade Federal do Acre

junio.manchineri09@gmail.com; Ciências Humanas; PET Indígena – Conexões de Saberes; Universidade Federal do Acre; MEC/FNDE

RESUMO: Este trabalho apresenta algumas reflexões sobre a situação vivida pelos Povos Indígenas durante os tempos pandêmicos, posto que observamos, enquanto ficávamos em isolamento, o desencadear de uma série de medidas restritivas como método de enfrentamento ao novo coronavírus para evitar, inclusive, a contaminação dos Povos Indígenas. Inicialmente, dentre os Povos Indígenas, também se fez a opção pelo *lockdown* como alternativa para evitar que o vírus se propagasse. No entanto, a medida que o tempo passava o desemprego e o aumento no preço dos gêneros alimentícios aliados a existência de uma política falha de assistência social, que excluiu uma parcela da população e, além disso, fez com que aqueles que não conseguissem se adequar ao sistema tecnológico e ao aparato burocrático, adotado pelo governo federal, se aglomerassem em filas gigantescas para conseguir o auxílio emergencial, fez com que os Povos Indígenas, principalmente, das áreas mais urbanas vivenciassem uma situação de vasta vulnerabilidade socioeconômica. Nesse cenário é que a organização MATPHA, por meio do seu diretor executivo e contando com a participação de diferentes integrantes voluntários, inclusive, estudantes, e estudantes do Grupo PET Indígena, se colocou à disposição e passou a realizar um trabalho de distribuição de cestas básicas, kits de higiene pessoal e kits de prevenção ao covid-19. A partir da realização de algumas reuniões foram estabelecidas diretrizes para a celebração de parcerias com intuito de arrecadar cestas básicas, kits de higiene pessoal e kits de prevenção ao coronavírus para que, de posse desses itens, mensalmente, a equipe realizasse o mapeamento das famílias indígenas que viviam na zona urbana de Rio Branco e precisavam de ajuda e, depois, fizesse a entrega dos materiais com o intuito de garantir que fossem minimizados os impactos da pandemia. Vivenciamos uma experiência ímpar de ajuda humanitária que se fez em um momento marcado, como dito anteriormente, pela omissão do poder público que não desenvolveu políticas públicas para garantir a manutenção de direitos constitucionais aos Povos Indígenas exigindo que, em contexto local, se tornasse necessária, cada vez mais, a ampliação de ações de cunho social e político coordenadas pelas organizações indígenas e indigenistas. Tal situação ratifica, mais uma vez, que os Povos Indígenas como detentores de direitos civis e originários são vistos como

estrangeiros em seu próprio território, já que a sociedade brasileira desconhece, ou insiste em não reconhecer, sua matriz étnica-cultural indígena e negra. Por isso, importante não perdermos de vista que, como diz Myrian Krexu, “a mãe do Brasil é indígena, ainda que o país sinta mais orgulho de seu pai europeu, que o trata como um filho bastardo” e embora a supremacia ocidental permaneça enraizada precisamos manter a esperança de que o país um dia reconhecerá e valorizará os Povos Indígenas que aqui vivem, que aqui existem.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia, Povos Indígenas, Organizações Indígenas, Solidariedade.

REFERÊNCIA

KREXU, Myrian. **A mãe do Brasil é indígena**. Disponível em: <https://antonioarchangelo.com/2020/09/12/coluna-do-camoes-04-a-mae-do-brasil-e-indigena/>. Acessado em 29 de julho de 2021.